

POLIFONIA COMUNITÁRIA NA PRODUÇÃO DAS CULTURAS SURDAS CONTEMPORÂNEAS: POTÊNCIA PARA AS SINGULARIDADES

Community polyphony in the production of contemporary deaf cultures: power for singularities

Anie Pereira Goularte Gomes¹
Camila Righi Medeiros Camillo²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender a polissemia do conceito de cultura surda a partir de autorias dispersas de sujeitos surdos que constituem uma polifonia importante na produção desse imperativo conceitual. Para esse empreendimento, elegemos a bricolagem como abordagem metodológica para analisar fragmentos discursivos da comunidade surda que tecem possíveis conexões e aproximações com a cultura surda. A centralidade está em compreender a produção das verdades no que diz respeito às singularidades e as às experiências de surdos em

ABSTRACT

This article aims to understand the polysemy of the deaf culture concept from some dispersed authorship of deaf individuals, which constitute an important polyphony in the production of this conceptual imperative. For this endeavor, we chose bricolage as the methodological approach to analyze some discursive fragments of the deaf community that establish possible connections and approximations with the deaf culture. The centrality is in understanding the pro-

¹ Universidade Federal de Santa Maria – UFSM –, Santa Maria, RS, Brasil; e-mail: anie.ufsm@gmail.com.

² Universidade Federal de Santa Maria – UFSM –, Santa Maria, RS, Brasil; e-mail: camilacamillo1@yahoo.com.br.

suas infinitas relações. A materialidade foi constituída por um mosaico discursivo que emergiu de relatos, produções, desenhos, fotos, esculturas, poesias, músicas, textos e discussões oriundas de espaços circulantes de surdos. O artigo aponta para o deslocamento do sujeito do seu enredo discursivo para entender sua constituição como objeto de si mesmo. Sugere ainda que a singularidade nasce como potência para pensar nas experiências como produtoras de novos/outros modos de ser surdo na contemporaneidade.

duction of truths with regard to the singularities and experiences of deaf individuals in their infinite relationships. Materiality was constituted by a discursive mosaic that emerged from reports, productions, drawings, photos, sculptures, poetry, music, texts and discussions that occur in environments occupied by deaf people. The article points to the displacement of the subject from his discursive sphere to understand his constitution as an object of himself. It also suggests that singularity is born as a power to think about experiences as producers of new/other ways of being deaf nowadays.

PALAVRAS-CHAVE

Surdo; cultura; Cultura; Comunidade; Polifonia; Singularidades.

KEYWORDS

Deaf; Culture; Community; Polyphony; Singularities.

Introdução

Esta escrita surge de encontros. Encontros de duas pesquisas, dois olhares, dois processos investigativos que culminam no pensar sobre a emergência das culturas surdas na contemporaneidade. Esses encontros são da ordem de acontecimentos materializados ao longo da produção de nossas teses de doutorado: uma que versa sobre as condições de existência do sujeito surdo e a outra que trata das singularidades produzidas no contexto das experiências escolares. Ambas as pesquisas, imersas no campo da educação de surdos, olharam para os processos de subjetivação dos sujeitos surdos tendo como pano de fundo a invisibilidade das experiências alojadas no âmbito comunitário. A partir desses cenários, que envolveram escola, universidade, associação de surdos, espaços informais, constituiu-se uma materialidade discursiva que possibilitou mobilizar o pensamento sobre o essencialismo cultural promulgado pela comunidade surda.

Nesse sentido, o objetivo deste texto é compreender a polissemia do conceito de cultura surda a partir de autorias dispersas de sujeitos surdos que constituem uma polifonia importante na produção desse imperativo conceitual. Com essa intenção, buscamos nos fragmentos discursivos, provenientes das pesquisas mencionadas, elementos que tecem as possíveis conexões e aproximações produzidas na comunidade surda. Esses recortes provêm de enunciadores diferentes, porém compõem uma mesma matriz discursiva, a cultura surda. Elegermos a bricolagem como abordagem metodológica deste trabalho por entender a potência da produção de uma obra a partir da composição de diferentes peças.

É importante destacar que as peças que compõem o campo discursivo da cultura surda, aqui mencionadas como recortes enunciativos, não são fixadas no indivíduo, mas emergem de saberes legitimados pela comunidade surda. Consideramos que esses saberes são construídos por discursos que extrapolam os atos de falar e por isso se materializam em forma de desenhos, pinturas, colagens, murais, músicas, entrevistas, rodas de conversa, teatro, os quais são substratos para a produção dos modos de ser surdo na contemporaneidade.

1. Questões metodológicas: a bricolagem no processo de análise da materialidade

Para empreender a discussão sobre a produção das culturas surdas a partir de diferentes enunciados e enunciadores que emergem da comunidade surda, salientamos a ênfase na malha discursiva instituída nesse espaço de enunciação. Temos aqui retalhos que compõe uma peça – os retalhos são os enunciados provenientes dos diferentes sujeitos surdos (polifonia) e a peça, a produção da cultura surda na contemporaneidade, considerando as singularidades surdas como potência. Para Veiga-Neto (2007, p. 99), “aquele que enuncia um discurso é que traz, em si, uma instituição e manifesta, por si, uma ordem que lhe é anterior e na qual ele está imerso”, portanto, cabe salientar que a materialidade não foi produzida por sujeitos-autores, mas nomeados como retalhos-discursos de uma mesma formação discursiva.

Retomando a analogia dos retalhos-discursivos compondo uma peça única, podemos pensar nessa discussão como proveniente de um trabalho artístico, no qual as autoras, por meio de um processo de bricolagem desses retalhos, vão entendendo a colcha discursiva sobre cultura costurada nas redes de saber comunitárias de agentes surdos.

O uso do termo bricolagem tem origem no termo francês “bricolage” que “caracteriza especialmente o ato de operar com materiais fragmentários, adotando procedimentos que se desviam e se afastam da norma técnica” (LODDI; MARTINS, 2009, p. 1). Ainda para esses autores, o construtor *bricoleur* é “aquele que trabalha com as próprias mãos, executando um trabalho sem projeto preconcebido, lidando diretamente com o acaso e o imprevisto, coletando e ressignificando objetos”.

Fragmentos de outra ordem (discursiva), como falas acaloradas da liderança surda, leis, diretrizes políticas, conteúdos on-line, desenhos, poesias e danças podem, sim, produzir uma peça chamada “discurso cultural do sujeito surdo”, o qual muitas vezes serve como “um modelo” a ser seguido, conduzindo os modos de vida da comunidade surda. Nesse caso, não se trata de um retrato da “realidade”, mas o oposto, qual seja: o consumo dessa representatividade.

Assim, o discurso sobre o sujeito cultural não é entendido como um espelho do próprio sujeito, mas sim como uma emergente produção discursiva (objetivação) sobre ele, para posteriormente ser consumido (subjetivação) por ele. Essa relação é diacrônica (objetivação e subjetivação), portanto não acontece de maneira cronológica e linear e está a todo o momento em movimento.

O que despertou a curiosidade analítica foram as ferramentas usadas para compor essa obra de arte chamada discurso cultural em cada um dos retalhos da materialidade. Perguntas como: Que material usar? Vale a pena colar essa fala nesse discurso? O que se pode apagar? Ou o que melhoraria se pintássemos de outra cor frases já tão habituais? O que se ganha e o que se perde nessa colagem? Ou melhor, qual será o efeito se for recortado esse fragmento discursivo e substituído por outro? Cada escolha produz algo diferente e o que moveu essa escrita foram justamente as costuras que tecem a obra chamada discurso.

Ao buscarmos nossa caixinha de ferramentas conceituais para manusear a obra é que a pesquisa *bricouler* nos encantou, pois ao longo do caminho de nossas pesquisas fomos juntando as peças que tematizavam o “ser cultural surdo”. Era um retalho aqui, uma peça acolá, uma entrevista aqui, um teatro ali, um bate-papo lá, uma dinâmica cá e assim nossa sacolinha foi ficando cheia de retalhos de diferentes texturas, cores e espessuras.

Ao intentar bricolar esses trechos das pesquisas, resgatamos um pouco das falas, desenhos, produções, fotografias, relatos, impressões que constituíram

a malha discursiva em que nos debruçamos para entender como são significadas algumas questões que envolvem a comunidade surda, sendo uma delas a cultura surda. A produção desse texto não teve pretensão de descrever como a cultura é “realmente”, mas entender o significado que é atribuído a ela na produção do sujeito cultural surdo, uma vez que o que a torna interessante é perceber o quanto as interpretações da “realidade” inferem e alteram a experiência dessa “realidade”.

Ao voltarmos para o todo, centralizamos nosso olhar para esses pequenos fragmentos, quase invisíveis, mas perpassados pela liquidez que verte dos “furos” de um discurso engessado sobre cultura na comunidade surda brasileira. O escopo desses “dados” traz falas do mundo surdo, da poeira, do cotidiano, do habitual, do que escorre, e assim não carregam as grandes verdades já instituídas em fragmentos mais formais como documentos, política, palestras ou até mesmo falas prontas de ícones surdos.

Inclusive na abordagem metodológica com os líderes surdos, nossa interação foi no intuito de ver o alargamento desses furos discursivos em suas falas. Essa estratégia foi justamente pensada pela insatisfação com o já sabido sobre os aspectos aqui mencionados, pois por vezes a liderança acaba por “vestir-se” de um discurso engessado o qual não permite respiros e produções insubmissas as certas verdades.

Para fins didáticos, apresentaremos os grupos enunciativos de sujeitos surdos, bem como a estratégia propositiva e o contexto em que foram realizados.

Quadro1 – Fonte enunciativa da materialidade discursiva.

Fonte enunciativa	Estratégia propositiva	Contexto
Mulheres surdas da comunidade local	Ateliê discursivo	Chá da tarde na casa de uma das pesquisadoras. Desenvolveu-se dinâmicas disparadoras para uma conversa informal sobre aspectos culturais da comunidade.
Poeta surdo	Produção literária	A partir de uma formação de língua de sinais, um líder surdo apresenta vários artefatos culturais produzidos por ele. Solicitou-se que o mesmomaterializasse o modo de ser/viver/existir surdo que resultou num poema escrito na Língua Portuguesa.

Professores doutores surdos	Arte sinalizada	A partir do sinal em Libras da palavra “jeito”, foi pedido que pensassem em cinco tópicos que ampliassem, explicassem, expusessem, filosofassem sobre o modo de ser surdo. Essa produção foi materializada em um vídeo em Língua Brasileira de Sinais.
Comunidade escolar de surdos	Oficina autonarrativa	Foram realizados oito encontros presenciais com alunos de uma escola de surdos em que se realizaram diferentes atividades: mural coletivo, fotografia, clipe musical, escultura, poemas.
Jovens surdos universitários	Enquete e bate-mãos virtuais	Encontros virtuais com perguntas guia sobre cultura, comunidade e língua de sinais.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Estes personagens e as proposições descritas no quadro anterior constituem parte das ações realizadas ao longo das pesquisas das autoras³ e aqui destacadas como fonte enunciativa. A partir da materialidade produzida nesses contextos, fomos colando, recortando, copiando, apagando, escrevendo, enfim, “bricolando” esses dados, de maneira a fazer sentido para a atividade analítica, uma vez que a empiria (dados) e o arranjo dado a ela foram os movimentos para discutir a emergência do sujeito cultural surdo. Nesse sentido, “os bricoleurs apelam para uma variedade de métodos, instrumentos e referenciais teóricos que lhes possibilitem acessar e tecer as interpretações de diferentes origens” (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 607).

2. Comunidade surda como agente enunciativo: educação para os recém-chegados

Os grupos entendidos como minoritários, a partir de seus diferentes indicadores de identidades, se articulam em comunidade para sua organização

³ CAMILLO, C. R. M. *A escola regular contemporânea e o aluno surdo/deficiente auditivo: dos modos de subjetivação para as singularidades produzidas no contexto das experiências escolares.* 2020. 207f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria.

GOMES, A. P. G. *Condições de existência do sujeito surdo: os efeitos discursivos de língua, cultura e comunidade nos modos de vida contemporânea.* 2020. 243f. Tese – Doutorado – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria RS.

em defesa de interesses em comum. E é em grande parte nesses coletivos comunitários que os sujeitos vão se constituindo e cultivando maneiras de ver e perceber o mundo. É comum as aproximações das questões comunitárias do sujeito surdo com outras minorias como, por exemplo, as comunidades indígenas, ciganas ou de imigrantes.

A comunidade se articula em espaços (seja a escola, a associação, o clube esportivo) e neles produz, a partir das relações linguísticas e culturais, modos de vida. Cabe aqui um importante tópico a ser ressaltado: na maioria desses grupos minoritários, os sujeitos já nascem e convivem diariamente com seus pares na mesma redoma cultural, todavia, o sujeito surdo precisa “encontrar esses pares” para participar da vida em comunidade. Como exemplo: indígenas desde bebês têm contato com sua língua e artefatos culturais; da mesma forma, ciganos, imigrantes e outros grupos comunitários. Já o contexto familiar da criança surda em mais de noventa por cento dos casos é de pais ouvintes (ELEWEKE; RODDA, 2000) e isso vai produzindo elementos constituidores a partir da sua diferença no próprio lócus familiar. Por isso, a escola de surdos se configura em um importante espaço de significação, uma vez que é lá onde a maioria dos surdos começa a conviver em comunidade.

Sendo assim, podemos observar que em alguns grupos minoritários a introdução dos recém-chegados (crianças) se dá no contexto familiar, no qual o sujeito identifica-se com a língua e a cultura, atribuindo-lhe o significado do comunitário. Porém, no que se refere ao grupo surdo, esse processo de identificação linguística e cultural geralmente acontece em outros espaços, para além do familiar, nos quais a comunidade surda produz seus regimes de verdade.

E talvez por esse motivo a legitimidade dos mesmos é potente quando enunciada por suas lideranças surdas. A introdução dos recém-chegados (surdos) no berço comunitário geralmente acontece no espaço escolar. Biesta (2013), ao discutir as práticas de educação associadas à preocupação com a inserção dos recém-chegados numa ordem sociopolítica e cultural existente, salienta sua importância porque “equipa os recém-chegados com as ferramentas culturais necessárias para a participação numa forma particular de vida e, ao mesmo tempo, assegura a continuidade cultural e social” (BIESTA, 2013, p. 16).

É central para esta discussão entender o fator comunitário na constituição do sujeito cultural surdo. Essas formas de vida não precisam ser explicadas

ou didatizadas pela comunidade surda, elas simplesmente acontecem. Bauman (2003), ao falar do entendimento comunitário, aborda que ele não precisa ser procurado, ele “está lá”, mesmo sem palavras. É o tipo de entendimento que precede acordos e desacordos, é um sentimento de vínculo e reciprocidade. Para o mesmo autor, essa unidade e naturalidade do entendimento comunitário são feitas de um mesmo estofo: a homogeneidade.

É por meio dos processos identitários e de reconhecimento pela diferença surda se darem em comunidade que a inserção dos recém-chegados é entendida não apenas como caricaturalmente simbolizada pela língua de sinais, mas experienciada e compartilhada pelos seus integrantes. No mosaico formado neste estudo, quase todos os sujeitos foram unânimes em incluir o contato com seus pares surdos como imperativo do modo de ser surdo. Assim, infere-se que viver em comunidade é condição necessária para o ser/existir/viver surdo. Pode-se perceber esse posicionamento nos fragmentos extraídos a partir de uma discussão que versava sobre os itens que compõem o ser/sujeito surdo:

Professores doutores surdos (Arte sinalizada)

- Intimidade, identificação, surdo-surdo. É como se eu entendesse o jeito de uma outra pessoa surda, é uma aproximação instantânea, é um fator muito perceptível entre os surdos, quando dois surdos se encontram é algo natural a identificação entre os dois, estabelecendo uma certa afinidade.

Mulheres surdas da comunidade local (Ateliê discursivo)

- É importante os surdos se encontrarem e, através da Libras, aprenderem a palavra de Deus; - Se aconselham; - Juntos conseguem mudanças; - Se mobilizam juntos; - Se esforçam e solidificam sua fé.

Esse movimento que estabelece o convívio entre surdos é considerado mola propulsora para o desenvolvimento pessoal e também dos grupos, pois permite um entendimento compartilhado de um lugar sem ameaças, de repouso, de reconhecimento. Bauman (2003) discute que todos nós buscamos um lugar em comunidade, pois a mesma nos dá a sensação de segurança. Esse sentimento de seguridade e aproximação produzido na experiência comunitária aparece frequentemente nas narrativas dos sujeitos surdos.

Os excertos a seguir trazem a possibilidade de pensar essa experiência como algo de uma natureza surda, frutos de uma mesma árvore, filhos de um mesmo pai, caules de uma mesma raiz, que lhes asseguram essa sensação de familiaridade, de pertencimento, criando assim condições de conforto dentro da comunidade.

Professores doutores surdos (Arte sinalizada)

A segunda palavra (para descrever o ser/existir surdo) seria raiz, eu percebo o quanto existe um sentimento de ter algo enraizado entre todos os surdos. Quando vários surdos se encontram, eles formam uma única raiz firme, forte, segura, onde eles podem estabelecer movimentos, questões políticas, é como se o grupo constituísse uma única raiz.

Como membros de uma mesma esfera de significação, a cultura que circula se inscreve numa instância em que cada um organiza sua identidade. É deveras interessante pensar a identidade como nos traz Canclini (2005), como pele e camisa, como algo a vestir, como peças carregadas de sentido imbuídas de traços comunitários, mas que, ao vesti-las são consumidas individualmente. Ao pensar a cultura desse modo, “a cultura não é apenas um conjunto de obras de arte ou de livros e muito menos uma soma de objetos materiais carregados de signos e símbolos”; logo, a cultura “se produz, circula e se consome na história social” (CANCLINI, 2005, p. 41).

Portanto, pensar em cultura de forma individual não faz sentido, muito menos os processos linguísticos, e é aí que a comunidade surda é potencializadora dos discursos que operam na lógica das escolhas de vida do sujeito surdo, uma vez que são partilhados. Em alguns recortes analíticos, pode-se, inclusive, perceber que o processo de identificação entre surdos configura-os simbolicamente como membros de uma mesma família ou, pelo menos, de algo que transcende o sujeito ao incorporar parte de cada um de maneira a convergir em uma essência em comum.

Professores doutores surdos (Arte sinalizada)

Faz parte do ser surdo a empatia, compreender o jeito do outro, pois somos todos iguais. Como nós temos intimidade, conseguimos nos ver no outro, há uma facilidade no sentido de nos sentirmos empáticos com o outro. É como se houvesse uma ligação umbilical entre todos. O autor Paddy Ladd trabalha sobre essa questão.

Pelos fragmentos produzidos, há de se pensar como o imperativo comunitário se faz presente na constituição do ser/existir/viver surdo. Esse aspecto fica evidente quando, ao perguntar sobre fatores que compõem a vida de sujeitos surdos, a dimensão comunitária se configura como item primordial em diversas falas:

Professores doutores surdos (Arte sinalizada)

O ser surdo precisa de movimento na comunidade e inserção dentro da comunidade, circulação dentro da comunidade, convivência com a comunidade e entender o ser surdo.

A sensação de pertencimento gerada no amparo comunitário vai ampliando para a esfera de autodefinição, atribuindo uma estética de vida externa do outro (par surdo) como sua. Na comunidade, esse outro surdo já não é um outro, mas um outro eu, e o outro é qualquer estranho que se diferencie dos “eus” presentes na comunidade. Sobre essa questão, Bauman (2003, p. 130) discute que, ao buscarmos nossa casa, nosso bairro, nossa proteção, vamos aos poucos estabelecendo trincheiras e, “à medida que o fazemos, começamos a suspeitar dos outros à nossa volta, e em especial dos estranhos, entre eles, portadores e corporificações do não previsto e do imprevisível”. Nesse sentido, no âmbito comunitário discute-se pouco sobre incertezas e desconstruções, pelo contrário, fomentamos nossas verdades principalmente no que tange aos processos culturais em que estamos imersos.

O caráter cultural da comunidade surda é um discurso potente para os processos de subjetivação, uma vez que é nele que grande parte dos surdos diz significar-se. As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que a “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade”, “estar numa comunidade” (BAUMAN, 2003, p. 7). Nessa lógica, os processos fronteiriços entre as culturas se tornam mais rígidos, engessados e focados no cultivo das relações entre seus pares. A comunidade transcende espaços geográficos ou instituídos, ela se organiza a partir da “natureza” surda, “essência” surda. Na próxima peça discursiva, o jovem explica que não importa de que lugar o surdo é, sendo surdo ele é considerado da comunidade.

Jovens surdos universitários (Enquete virtual e bate- mãos)

O que posso falar sobre comunidade e o que ela significa para mim? Comunidade surda é onde vários surdos se encontram, eles podem ser de diferentes estados, diferentes lugares e nesse espaço de encontro há troca, há esportes, há uma série de brincadeiras entre os surdos e existem vários elementos culturais nesse contexto comunitário. Ali, há comunicação, e mesmo com surdos de diferentes locais, inclusive de diferentes países, sendo surdo, eles são contemplados nesse espaço.

Toda essa articulação comunica e movimenta os processos de subjetivação, na qual percebem-se os efeitos produzidos nesse contexto comunitário. Quando esse sujeito surdo participa da comunidade, a definição do que é ser surdo está intimamente ligada às suas questões culturais e um de seus efeitos é sentir-se estrangeiro na cultura da língua oral de seu país, ainda que na modalidade escrita. Nesse sentido, o sujeito surdo pode sentir-se turista em sua própria terra e a possibilidade de pertencimento é mais remota. Entretanto, ao explorarmos a noção de turismo cultural, podemos pensar que o turista está num lugar porque quer e inclusive está pelo tempo que escolheu estar, sem intenção de ficar ou de se comprometer. Assim, ser turista também é uma possibilidade da ordem do acontecimento que permite experiências periféricas à norma surda e a seus padrões preestabelecidos.

O amparo comunitário perpassado pelo discurso cultural fornece segurança aos sujeitos surdos, mas ao mesmo tempo não podemos ocultar o caráter constitutivo e potente que agrega elementos e que produz esse sujeito, limitando-o a “ser presença” no mundo sem uma cartilha a ser vivida. Essa questão de “ser presença”, tão amplamente abordada por Biesta (2013), permite-me pensar nas brechas e fissuras entre as culturas surdas e ouvintes, como pujante forma de pensar a existência e o modo de vida de sujeitos surdos.

Mas para que esses furos vazem, faz-se necessário rompimentos que provêm da escuta multíssonas e do registro polissêmico dos mesmos. Depois de adentrar no discurso comunitário, resgatamos a ideia de que a rebeldia ou insubmissão a padrões de vida estabelecidos é apenas para quem “não teme as incertezas dos espaços vazios” (CORAZZA, 2002, p. 130). Inspirada por essa citação, a singularidade nasce como potência para pensar nas experiências como produtoras de novos/outros sentidos que promovam vidas/existências.

3. Potência para as singularidades – polifonia e autoria dispersa

Para iniciar uma discussão sobre singularidade em uma seção que trata de comunidade, parece-nos fundamental entender a experiência com algo vivido de forma única e singular e que não é compartilhada. Para Larrosa (2017, p. 33), “o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria”. Não há como viver a experiência de outrem, pois ela é significada a partir de postulações que derivam em nível de existência.

Sendo assim, como promover experiências fora dos dogmas comunitários? Como ser singular, a partir de processos de identificações plurais? Trazendo talvez um pouco do profano, no sentido daquilo que não é recorrente nos preceitos de vida surda estabelecidos? Resgatamos logo a seguir a peça poética que compõe o mosaico discursivo de ser-surdo, e ao grifar a frase “Meus defeitos fazem um ser perfeito”, imaginamos que o poeta falava justamente sobre singularidade. Sobre esses “defeitos” únicos, que são (d)ele, que os fazem ser quem ele é, e isso sim é algo que lhe acontece e não simplesmente passa ou acontece em sua vida. Dessa maneira, sua existência pode ser vivida como experiência. Talvez seja esse o caminho: converter a existência surda em experiência para fugir da essência proferida pela comunidade.

Poeta surdo (produção literária)⁴

Surdo para o mundo. No meio da multidão. Os gestos das mãos. Coração sofrido para discriminação. Eu suporto tudo calado minha voz e lágrimas do mundo... Surdo para o mundo. Surdo para o mundo bondade no peito, fez-me esquecer da maldade. Dúvidas só da minha capacidade. Eu escrevi a minha história com o gesto. Surdo para o mundo. Eu abraço minhas causas que eu acredito. Eu ouvi e aconselho o meu amigo que necessita. Meus defeitos fazem ser um Perfeito. Surdo para o mundo. Eu luto para um sapato desde infância. Coragem fchado e não canso. Meus olhos e minhas mãos é minha única voz. Fé em DEUS... Grito de esperança na igualdade. Surdo para o mundo.

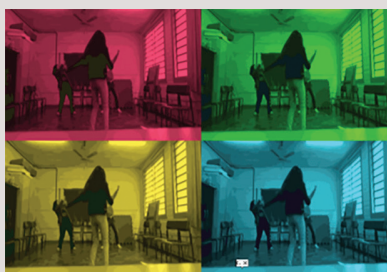
⁴Manteve-se a escrita original na Língua Portuguesa de Portugal, língua oficial do país africano no qual o poeta surdo reside.

Pensar nessa possibilidade do inusitado provoca a irrupção da singularidade, do único, portanto, do profano, daquilo que escapa da norma comunitária, trazendo assim a noção de porosidade, de atravessamento. Essas brechas foram percebidas no mosaico discursivo que emergiu dos relatos, desenhos, fotos, esculturas, poesias, músicas, textos e discussões oriundos de um espaço subversivo de algumas verdades circulantes, inscrevendo outros sentidos para o conjunto de conhecimentos produzidos em outros métodos de pesquisas considerados mais rígidos.

Sobre isso, elegemos alguns enunciados que demonstram essa potência subversiva que foge do engessamento discursivo sobre o sujeito cultural surdo.

Comunidade escolar de surdos (oficina autonarrativa) – Produção de um clipe musical

Grupo 1:



Grupo 2:



A partir de videoclipes de diferentes gêneros musicais, exploramos personagens, cenários, a língua utilizada, a mensagem veiculada pela música e foi proposta a produção de um clipe com temática livre.

Nessas produções, realizadas por dois grupos de meninas, é interessante perceber que a “natureza surda” não foi o tema em questão do clipe musical. Elas utilizaram elementos teatrais para compor as personagens de seu videoclipe, como, por exemplo, chapéus, perucas, cachecóis e adereços para criar coreografias de diferentes ritmos musicais. Podemos observar que os artefatos usualmente utilizados para representar a cultura surda não foram selecionados pelas alunas, inclusive a música e os elementos sonoros que fizeram parte da composição fílmica.

O mesmo foi percebido também em outra produção em grupo, na qual após explorarmos e discutirmos sobre diferentes culturas contemporâneas

foi proposto que por meio de imagem capturada por uma fotografia pudessem resgatar o assunto.

Comunidade escolar de surdos (oficina autonarrativa) – Exercício fotográfico⁵



As abordagens durante a exposição das imagens perpassaram diferentes temas: cor, amizade, evolução da vida, hibridez cultural entre países, porém nenhuma delas optou pela temática cultura surda.

Talvez essa micro ruptura nos discursos mais tradicionais sobre o sujeito surdo tenha emergido por uma proposta rica e plural em termos metodológicos que possibilitou abrir espaço para novas produções, gerando outros/novos efeitos discursivos que conseqüentemente produzem outros sentidos de ver/viver/existir.

⁵ Os registros referentes à escola de surdos aqui mencionados são provenientes de ações específicas para a produção analítica da pesquisa de doutorado intitulada “Condições de existência do sujeito surdo: os efeitos discursivos de língua, cultura e comunidade nos modos de vida contemporâneos”, de autoria de Anie Pereira Goularte Gomes, 2020.

Comunidade escolar de surdos (oficina autonarrativa) – Exploração e discussão de diferentes ritmos e gêneros musicais a partir de uma atividade direcionada por uma convidada surda que também atua como DJ.



Alunos explorando as vibrações emitidas por diferentes ritmos musicais.



Ao ver o clipe de música gaúcha, um dos alunos comenta que não conhece, pois nasceu e cresceu no Ceará, por isso não se identifica com a música apresentada e sim com outros ritmos.

Nessa última atividade, pode-se atentar para a não identificação com música gaúcha por um dos alunos, não pelo fato de ser surdo, mas por ter estado culturalmente imerso em outro ambiente durante sua infância. Entendemos o quão potente são ações coletivas que abarcam as diversidades, que incentivam as leituras de mundo, reivindicando voz e espaço. Costa (2007) fala que é preciso encher o mundo de histórias, na possibilidade de criar novas verdades: “o mundo, as vidas de pessoas, as identidades são construídas, reinventadas, instituídas, a cada nova história que circula” (2007, p. 109). No encontro de culturas o conceito de interculturalidade emerge como uma proposição de diálogo entre elas e não apenas como uma mescla de duas culturas, mas como um terceiro campo

da diversidade produzida dessa dinâmica que reconhece a diferença como vantagem pedagógica.

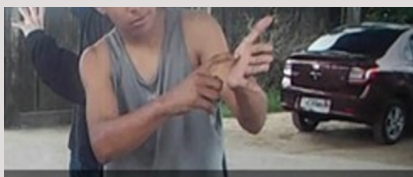
O que não é meu, nem do outro, é produzido na relação, no interstício, que passa pela transgressão das fronteiras simbólicas e não é cultivado na relação belicosa, e sim na negociação. A busca pela experiência, pelo existir, pelo acontecer transcende corpos e binômios e é produzida longe dos dogmas relacionais, gerando novas/outras formas de estreitamento entre surdos e ouvintes. Na pequena encenação descrita abaixo, percebe-se que, independentemente de línguas ou corpos marcados pela diferença cultural, a busca por aproximação permanece.

Comunidade escolar de surdos (oficina autonarrativa) – Produção de uma cena filmica

Aproximação de surdos sinalizando e ouvintes falando a língua oral.



Tentativa de comunicação pela língua oral na modalidade escrita (na palma da mão e no chão, e pela língua de sinais).



Um grupo de meninos apresenta um enredo no qual metade dos personagens é surda e metade é ouvinte, e de diferentes maneiras tentam uma aproximação comunicativa.

Durante a produção desse enredo discursivo, elementos identitários e interesses em comum nos mostram que o fator linguístico fica esmaecido em detrimento do desejo de comunicação relacional. Uma das marcas do sujeito

cultural surdo é a língua de sinais, porém na circulação dessa verdade, muitas vezes os sujeitos são reduzidos à sua condição linguística, diferente do que foi observado no excerto anterior.

4. A produção do sujeito cultural surdo na contemporaneidade: notas para pensar

Sob essa perspectiva de produção do sujeito, podemos afirmar que os sujeitos não nascem surdos, mas se tornam surdos (discursivamente). E como ser/sujeito cultural de que modo produzir outros/novos modos de existir surdo? Como abrir rupturas na cotidianidade? Como não produzir um olhar viado na cultura sobre ser e estar no mundo?

Uma linha de fuga talvez seja pensar nas tecnologias do eu, as quais Foucault descreve como aquelas em que o indivíduo estabelece uma relação consigo e como práticas. O exercício para tal empreendimento desloca o sujeito do seu enredo discursivo para entender sua constituição como objeto de si mesmo. Aqui retomamos a experiência de si (LARROSA, 1994), que nos permite dar pistas pedagógicas para a compreensão da própria vida e seu personagem central. Larrosa (1994) discute a fabricação de subjetividades a partir daquele que narra e é narrado. Nesse sentido, o ato de pensar sobre o que se pensa e o que se diz pode se constituir como uma experiência de si. Nesse sentido, ainda Larrosa sugere um olhar para além das evidências, sem uma pretensão de uma “identidade verdadeira”, em que seja possível ensaiar novas formas de subjetivação, refutar o que somos enquanto produtos discursivos, desafiar-nos a ver-nos de outra maneira ou ainda “viver-se” de outro modo.

Para tal empreitada no interior de si, por mais dicotômico que pareça ser, a comunidade que aloca esse sujeito singular também é potência para experiência de si, uma vez que “há tarefas que cada indivíduo enfrenta, mas com as quais não se pode lidar individualmente” (BAUMAN, 2003, p. 133).

A polifonia e a autoria dispersas, presentes na comunidade, podem promover a singularidade. O estar à espreita por acontecimentos e experiências é uma alternativa para o alargamento dos furos discursivos que vêm engessando e fixando o sujeito cultural surdo, na qual suas condutas são reguladas. Muitas vezes esses furos não são perceptíveis, mas se a malha discursiva for porosa,

pequenas irregularidades podem vir a promover rupturas. Por fim, resgatamos três palavras que vibram quando colocadas em debate, são elas: essência, experiência e existência, num caminho que percorre a lógica que coloca no imperativo da comunidade surda a experiência como contingente para fugir da essência e promover outras/novas formas de existência.

Podemos compreender o que essas palavras dizem de relações humanas que consideram com mais atenção as experiências produzidas em diferentes espaços e as singularidades envolvidas nos encontros culturais e comunitários surdos. Com essa intenção de olhar para o outro e perceber os diferentes modos de ser e estar na comunidade surda como possibilidade de compreender a produção das culturas surdas no cenário atual, abrem-se brechas para o singular, para autorias múltiplas, muitas vezes não consideradas legítimas, outras vezes silenciadas, discursos que não ganham a devida visibilidade na construção de um saber, de uma verdade, nas teorizações sobre cultura.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. 92 p.
- BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BIESTA, G. *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- CAMILLO, C. R. M. *A escola regular contemporânea e o aluno surdo/deficiente auditivo: dos modos de subjetivação para as singularidades produzidas no contexto das experiências escolares*. 2020. 207f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, RS.
- CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 283 p.
- CORAZZA, S. M. *Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos*. In: COSTA, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 105-131.
- COSTA, M. V. *Pesquisa – ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade*. In: _____. (Org.) *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

ELEWEKE, C. J.; RODDA, M. Factors contributing to parents' selection of a communication mode to use with their deaf children. *American annals of the deaf*, 145(4), 2000, 375-383.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós, 1990.

_____. Politics and the study of discourse. In: URSHELL, G.; GORDON, C.; MILLER, P. (Eds.). *The Foucault's effect: studies of governmentality*. London: Harvester, 1991, p. 51-72.

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença In: GARCIA, R. L. (Org.). *Diálogos cotidianos*. 1. ed. Petrópolis: DP et alii, 2010, v.1, p. 231-246.

GARCIA, M. M. A. *Pedagogias críticas e subjetivação: uma perspectiva foucaultiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOMES, A. P. G. *Condições de existência do sujeito surdo: os efeitos discursivos de língua, cultura e comunidade nos modos de vida contemporânea*. 2020. 243 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, RS.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

_____. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LODDI, L.; MARTINS, R. A cultura visual como espaço de encontro entre construtor e pesquisador bricoleur. *Revista Digital do LAV*, ano II, n. 3, set. 2009. Disponível em: [http://www.ufsm.br/lav/noticias1_arquivos/A%20cultura%20Visual.pdf]. Acesso em: 01 jun. 2018.

NEIRA, M. G.; LIPPI, B. G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 607-625, mai/ago. 2012. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362012000200015&lng=en&nrm=iso&tlng=pt]. Acesso em: 01 jun. 2018.

ROSE, N. *Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOMMER, L. H. A ordem do discurso escolar. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

VEIGA-NETO, A. *Foucault e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.